



EDITORIAL DO DOSSIÊ

É com grande satisfação que apresentamos esta nova edição da *Revista Sacrilegens*, dedicada ao instigante e inesgotável dossiê *Religião e Morte*. A publicação vem a lume neste mês de agosto de 2026 – período que a sabedoria popular apelidou curiosamente de mês do desgosto, talvez em uma alusão sutil e cotidiana à própria finitude. Contudo, longe de se render ao desencanto, este volume demonstra que o confronto com o fim é, paradoxalmente, um dos motores mais férteis da criação cultural, teórica e espiritual humana.

Como o pensamento filosófico, as artes, as ciências humanas e as mais diversas tradições culturais continuam a nos recordar, a morte não se reduz ao encerramento biológico de um organismo. Ela é, sobretudo, um evento gerador e reorganizador: engendra símbolos, fundamenta rituais, mobiliza projeções arquetípicas, estrutura dinâmicas de poder, desperta angústias existenciais profundas e erige complexos sistemas de sentido. Por essa razão, a finitude se configura como um campo de investigação incontornável para a Ciência da Religião, revelando de que modo o enigma do morrer move e reconfigura as cosmologias e as subjetividades ao longo da história humana.

A chamada para participar deste dossiê teve uma resposta inédita da comunidade acadêmica, superando todas as expectativas e resultando em um número recorde de submissões de artigos. A expressiva quantidade e a densidade teórica dos artigos recebidos exigiram o desdobramento da temática em duas edições (agosto e dezembro). Esta expressiva adesão permitiu consolidar um painel verdadeiramente transdisciplinar, no qual a morte é perscrutada através das lentes da filosofia, da psicologia, da antropologia, da história, da teologia política e dos estudos literários, contemplando ainda debates prementes sobre interseccionalidades de gênero, racismo e as múltiplas dimensões do sofrimento e do luto não validado.

Inventariam-se aqui os múltiplos modelos de enfrentamento desenvolvidos pela humanidade diante do fim, seja ele físico, simbólico ou resultante de estruturas de violência e ofensa à dignidade. Além disso, a riqueza metodológica e a pluralidade de abordagens reunidas nesta edição revelam a viva aptidão do nosso campo acadêmico para discutir a relação da morte com o sagrado em tempos de acentuada complexidade, confirmando a importância dessa reflexão para nosso campo epistemológico.

Para iniciar essa jornada reflexiva acerca da vida e da impermanência, uma



exposição introdutória, “Desencantamento do mundo: a perda do sentido da dor e da morte” de *Luciano Camerino*.

Os doze artigos que integram esta primeira parte do dossiê organizam-se em eixos temáticos, traçando um arco analítico que parte das especulações metafísicas e cosmológicas até as vivências subjetivas e as representações estéticas da finitude:

No Eixo I – A morte e sua resignificação, reunimos trabalhos que investigam a morte como princípio ordenador da existência e a preservação do sentido da vida. Temos (1) “A morte não é o fim: transcendência, ética e responsabilidade na construção do sentido da vida” de *Antônio Carlos Coelho*, (2) “O Mito Quebrado do Além: uma hermenêutica da finitude e da transcendência” de *Theobaldo Tollendal*, e (3) “Povo Krenak: entre histórias de morte, vida e resistência” de *Túlio F. Brum de Toledo*.

No Eixo II – Violência simbólica, memória e hierarquização da morte, examinamos como os mecanismos institucionais, políticos e religiosos de controle operam sobre o corpo, o espaço e a memória. Aqui encontram-se (4) “Punição, controle e religião: uma análise junguiana do violento *post-mortem* de Ana Rodrigues pela Inquisição” de *Maria Júlia Franco Botto*, (5) “Hierarquias da morte: espaço funerário, distinção social e memória no Cemitério da Consolação (São Paulo, século XIX)” *Gustavo Sanches da Silva Morales*, e (6) “A Banalidade da morte seletiva: teologia política evangélica, apoio a Israel e hierarquização do luto” de *Fabiano Pires Silva*.

No Eixo III – Subjetividade, rituais e as experiências do luto, dedicamo-nos às dimensões clínicas, psicológicas e comunitárias do luto e do acolhimento. Constan aqui (7) “A experiência de morte da identidade religiosa nas pessoas trans: uma reflexão a partir do conceito de luto não validado” de *Reinaldo da Silva Júnior, Claudia Rodrigues Braga e Marcela Gonçalves Noronha Vieira*, e (8) “Vivências do luto sob a ótica de práticas religiosas distintas” *Mariana Ducatti e Nicole Lima Souza*.

No Eixo IV – A concepção moderna de uma morte asséptica, problematizam-se os deslocamentos da autoridade sobre o morrer nas sociedades secularizadas. Contemplam-se os artigos (9) “A autoridade sobre o morrer: medicina, religião e a divisão entre condução e sentido da morte infantil” *Sabrina de Miguel Augusto*, e (10) “Matar a morte, esvaziar a vida: histeria da sobrevivência, desritualização da morte e o morto-vivo na sociedade paliativa” de *Diego Rafael da Silva Barros*.

Por fim, o Eixo V – Além do pós-teísmo e o inacabamento encerra o volume,



tencionando as fronteiras conceituais da literatura e da filosofia, com os textos (11) “A morte da morte de Deus” de *Isabela Barros Ribeiro* e (12) “Estética do Limiar: a experiência da morte em ‘O Idiota’” de *Thiago Abdala Barnabé*.

Ao reunirmos pesquisas tão plurais, a *Revista Sacrilegens* reafirma seu compromisso de servir como espaço de difusão de pesquisas criticamente engajadas com as grandes aporias do nosso tempo. O sucesso deste dossiê atesta não apenas o vigor e a maturidade da produção acadêmica na área, mas reitera a permanência da morte como o enigma por excelência que nos mobiliza a pensar, criar e resistir.

A todos os autores, pareceristas e leitores que tornaram este dossiê possível, expressamos nosso mais profundo reconhecimento. Além de agradecer as contribuições, só nos resta desejar que a morte nos seja boa, mas não se apresente tão cedo!

Prof. Dr. Luciano Caldas Camerino

Dorotéia Expedita Schiller

Maria Júlia Franco Botto

Philippe Augusto Carvalho Campos

Coordenadores do Dossiê